



OFICINA AUDIOVISUAL: formação do educador de Geografia em temas simulados

Eduardo Rodrigues Alves
ociberdudu@gmail.com

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço: UFC - Centro de Ciências, Departamento de Geografia, Bloco 911. Campus do Pici. CEP 60440-900. Fortaleza/CE.

Christian Dennys Monteiro de Oliveira
cdennys@gmail.com

Professor Doutor da Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço: Rua Silva Paulet, 2830, apto. 504. Dionísio Torres. CEP 60120-385. Fortaleza/CE.

RESUMO

O trabalho faz uma reflexão sobre a trajetória de experimentos metodológicos no componente curricular Oficina Geográfica II. O desenvolvimento da pesquisa reuniu a avaliação dos trabalhos em dois semestres, com intuito de verificar o aperfeiçoamento das simulações didáticas na formação do educador de Geografia. O estudo inicia com os fundamentos da criatividade, sistematização audiovisual e orientações didáticas ao processo das oficinas. Mostra as etapas temáticas das aulas de campo como encadeamento de ações para que os seminários ganhem a vitalidade letiva da escola básica. Na utilização de uma metodologia narrativa (e qualitativa) do trabalho com a imaginação geográfica, procuramos o diálogo entre temas, textos, imagens e sons. Como resultado, temos uma interessante oportunidade de visualizar videocliques didáticos; tudo sendo elaborado de forma crítico-criativa pelos futuros docentes, em aulas simuladas.

PALAVRAS-CHAVE

Representação, Audiovisual, Formação do Educador, Simulação.

**AUDIOVISUAL OFFICE:
training of the geographic educator
in simularem themes**

ABSTRACT

The paper makes a reflection on the trajectory of methodological experiments in the curricular component Oficina Geográfica II. The development of the research gathered the evaluation of the works in two semesters, with the purpose of verifying the improvement of the didactic simulations in the formation of the educator of Geography. The study begins with the foundations of creativity, audiovisual systematization and didactic orientations to the workshop process. It shows the thematic stages of the field lessons as a chain of actions so that the seminars gain the vital vitality of the basic school. In the use of a narrative (and qualitative) methodology of the work with the geographical imagination, we seek the dialogue between themes, texts, images and sounds. As a result, we have an interesting opportunity to visualize textbooks; all being elaborated critical and creative by the future teachers, in simulated classes.

KEYWORDS

Representation, Audiovisual, Teacher education, Simulation.

Introdução e procedimentos

Existem dilemas que resistem aos avanços operacionais da formação dos educadores, especialmente na área de Geografia, que já poderiam ter sido superados frente ao enorme investimento na carga horária dos Estágios e junto as disciplinas didáticas. Ainda que tenhamos absorvido boa parte das ressalvas crítica de Jean Baudrillard (1929-2007), no que concerne aos alertas sobre as deformações da era das simulações, e dos simulacros nesta condicionados (BAUDRILLARD, 1991) – afinal os *media* e redes sociais conformam tanto educadores como educando neste limiar do Sec. XXI – partiu-se do princípio de que seus jogos paradoxais também nos forneça um salvo conduto à qualificação da Geografia Escolar. E isso por um motivo muito simples: não basta formar um “bom professor” a partir das representações que já temos de seu perfil; é indispensável formar um “professor de excelência”, ainda que os ambientes de sua atuação sejam os mais limitados aos sentidos sensoriais.

A relação Ensino-aprendizagem de Geografia tende a se tornar um avanço centrípeto nas multimídias do espaço. E a tradição bidimensional das plantas, mapas e planisférios, por sua vez, haverá de concordar com a plasticidade e cinética das figuras, das sonoridades e da imaginação que revitalizam as representações do mundo. Neste

sentido, a adaptação dos processos de “compreensão” do fazer científico-pedagógico (especificamente os geográficos) vai precisar do aperfeiçoamento das simulações.

Não se trata de uma profecia pós-moderna, nem de uma negação à força dos conhecimentos gráficos que refundam, no século XXI, a Ciência de A. Humbolt (1769-1859) e C. Ritter (1779-1859). Trata-se de adoção dos métodos da criação artística e artesanal, no âmbito do experimentalismo educacional e científico.

Com o desenvolvimento e atualização de novas ferramentas tecnológicas, a inserção destas no mundo da escola é um fato cada vez mais evidente, dado o potencial destes novos recursos ajustados à realidade da educação básica. O livro didático e a lousa igualam-se ao teto, ao piso e as carteiras: são referentes do palco identificável para a aula. Mas não representam a vitalidade da aula e quando o fazem precisam conectar-se ao amplo “arsenal” da luta pelas formas de práticas significativas. Recursos menos habituais - como gibis, jornais, músicas e vídeos, tintas, massas, tabuleiros e sucatas, apenas para reduzir a citação - vão balizando conhecimentos e conceitos de cada ciência em associação com estes recursos (ALENCAR; SILVA, 2018).

Destacamos no âmbito da Geografia Escolar os recursos audiovisuais, por conta de a dimensão imagética manter-se na destacada liderança do acesso aos conhecimentos dessa Ciência Espacial. O princípio da observação e a finalidade do planejamento pactuam a continuidade de metodologias predominantemente centradas no visual e no sensorial; o que abrange também a dimensão sonora que enriquece percepções e representações sobre diversos fenômenos geográficos.

Neste viés de convergências artísticas que interpretamos a “Oficina Geográfica” – componente curricular na formação do educador de Geografia – como espaço experimental de práticas audiovisuais a partir de uma categoria chave no trabalho docente: *imaginação*. Imaginar as possibilidades de trânsito entre as faces do real e as projeções do que ainda não se realizou (SILVA, 2006) pode e deve configurar o primeiro escalão dos desafios profissionais da Geografia Escolar.

Dito isto, cabe-nos considerar a importância de retrabalhar conceitos e temas geográficos que, assim como os novos recursos tecnológicos no mundo contemporâneo, requerem uma análise cada vez mais elaborada. De um lado, deixando emergir em resumos lineares (fichamentos) e não lineares (diagramas ou esquemas cognitivos) a capacidade seletiva do conteúdo a ser explorado. De outro, vinculando poéticas visuais (pictóricas, fotográfica) e sonoras (musical, literária) na sustentação do afetivo sensível, sem a qual a cognição das formas científicas reduz sua amplitude de significados educativos.

A partir das obras de Wright (1947 [2014]) e Dardel (1952 [2011]), podemos entender a concepção de um *imaginário geográfico* como elemento fundamental para a compreensão da realidade geográfica, pois:

Na fronteira entre mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um outro mundo; [...] A geografia não implica somente no reconhecimento da realidade em sua materialidade, ela se conquista como técnica de irrealização, sobre a própria realidade” (DARDEL, 2011. p. 5).

Estas diferentes direções possibilitam representações que são base para o trabalho com a audiovisuais na geografia escolar. Neste imaginário em construção, se insere um olhar sobre realidades globais, regionais e locais, visto que estas escalas podem revelar contrastes e semelhanças entre si e constituem um caminho para um conhecimento mais articulado sobre os diversos temas no imaginário da geografia escolar. Os audiovisuais, neste contexto, proporcionam um exercício mais sensível e uma linguagem diversificada em torno dos temas geográficos.

O objetivo principal aqui é refletir sobre a construção deste imaginário geográfico, enquanto preparação simulada à prática docente com materiais audiovisuais. Nessa abordagem, a construção/valorização do mencionado imaginário se dá mediante algumas etapas apresentadas a seguir; elas representam uma possibilidade metodológica de formação docente a partir do uso destes recursos.

Para isso, levamos em conta as experiências desenvolvidas em 2017, atualização da disciplina, trabalhada no 3º semestre do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Ceará. O componente visa a qualificação do trabalho docente em torno da produção e uso de material audiovisual. Os semestres letivos desenvolveram-se nas seguintes etapas:

1º) um estudo teórico em torno de temas culturais (patrimônio, representações, turismo, sustentabilidade) que orbitam o imaginário geográfico;

2º) planejamento, execução e avaliação de um trabalho de campo na Serra da Ibiapaba (CE), no intuito de realizar vinculações didáticas entre realidades (local/regional) e ampliações de conteúdos sobre a região visitada, sobretudo o município de Ibiapina;

3º) confecção e apresentação de materiais audiovisuais em Aulas (simulações) Temáticas sobre Geografia do Espaço Mundial, simulando práticas docentes em diálogo direto com escolas visitadas.

Nos próximos tópicos serão abordados os passos percorridos na construção desta passagem entre reflexão teórica - especialmente pautada em Mircea Eliade (1979) e David Lowenthal (2012) - e simulações didáticas, na busca da imaginação simbólica. A partir desses outros autores vieram cooperar com o enriquecimento das bases teóricas para compreensão de que uma produção audiovisual, no ensino de Geografia, corresponde a um sistema múltiplo de ações gráficas, capaz de associar reflexão, diagramação, imagem e sonoridade, no mínimo. Por isso, denominamos esse processo de *Composição Geográfica em Quadraturas* (CGQ). É a partir delas que iniciamos nosso percurso reflexivo.

Percurso reflexivo: temas e quadraturas geográficas

A etapa primeira deste percurso compreendeu o tratamento teórico de um conjunto de cinco temas específicos: *lugar, cultura, representação, patrimônio e sustentabilidade*. Estes – assim como outras categorias geográficas que também poderiam ser incorporadas neste caminho de aprendizagem - formam conceitos indispensáveis ao desenvolvimento ensino de Geografia; e foram abordados por meio da leitura e discussão de textos, na forma de seminários em equipe nas semanas iniciais de nosso cronograma. Foram selecionados em função da discussão caracterizadora do debate sobre imaginação simbólica e formações de origens agrárias/interioranas. A questão referencial deu-se pela ideia de uma metáfora geomorfológica: *Em que medidas as serras de nossas paisagens regionais constituem-se como altares culturais?* O esquema inicial em pentágono, colaborou com a construção do apoio teórico a ser representado no trabalho dos conceitos em destaque, mais adiante (Figura 01).

Como forma de aglutinar o teor conceitual e prático destes conhecimentos, houve também a produção de um exercício denominado *Composições Geográficas em Quadratura* (CGQ). Neste qual os estudantes aglutinam ideias centrais de uma temática e relacionam com um elemento poético/musical e uma imagem estática, ligando tais construções ao trabalho docente.

As discussões ao longo dos seminários objetivaram uma compreensão básica de aspectos de cada tema, servindo também como etapa preparatória para a experiência de trabalho de campo da **D**isciplina. Destacamos na figura 01, o modelo do CGQ, com alguns dos aspectos significativos ao longo dos seminários.



Figura 01 - Base para Composição Geográfica em Quadratura (CGQs)
 Fonte: Elaboração dos Autores (2018)

Lugar: Referência de Contexto, Tempo & Espaço

Tendo como suporte teórico os estudos de Lívia de Oliveira (2012) e Edward Relph (2012), no livro *Qual o Espaço do Lugar?* O tema possibilitou o amadurecimento da compreensão de “lugar”, em seus mais diferentes sentidos. Oliveira (2012) entende a concepção de lugar a partir da relação entre espaço e tempo (tempo *lugarizado*). Para esta discussão, a autora traz uma grande contribuição do trabalho de Yi-Fu Tuan, que assume a familiaridade como uma etapa fundamental para a concepção de um lugar. Assim, os termos *lugar* e *sentido* se associam, visto que a palavra sentido remete a uma significação e a relação espaço/ tempo está dotada de sentido, significado, familiaridade.

Com Relph (2012) é destacada a interdisciplinaridade que envolve o lugar, ao passo que o conceito é abordado por psicólogos, antropólogos, sociólogos, engenheiros, arquitetos, artistas e também por geógrafos. Sua busca se pauta em verificar a essência por trás das diversas abordagens sobre o lugar. O autor traz então aspectos do lugar que foram e podem ser abordados em uma ampla perspectiva da geografia humanista. Esta abordagem se torna aqui um levantamento de dimensões mais operacionais aos futuros

professores, exatamente por prover adicionar à concepção de lugar o caráter valorativo da experiência, do movimento e da participação coletiva. Dessa maneira, o par de textos, em conjunção reflexiva, proporcionou um entendimento multidirecional e analítico da temática, fundamentando a prática reflexiva sobre seu uso no ambiente escolar.

Cultura: Referência de Sociedade e Diversidade Étnica

Na abordagem sobre o conceito de *cultura* utilizamos as considerações de Soares (2002), associado aos desafios pós-modernos do ensino de Geografia, em um primeiro momento. E acrescentamos as reflexões de Lucrécia Ferrara (2008) tratando de forma integradora as relações materiais e cognitivas entre comunicação, espaço e cultura. Este último, destaca a superação do espaço enquanto mero suporte do homem, transformando-se em espacialidades que caracterizam processos interativos. Tal superação pode ser entendida a partir da complexidade da comunicação contemporânea, que se associa de forma vertical, horizontal e oscilatória com a diversidade cultural manifestada no espaço. O que fornece bases instigantes na aproximação entre recortes espaciais topológicos e vivências significativas, forja o sentido da espacialidade escolar (Batista e Silva, 2016)

Para o entendimento destas relações comunicacionais entre, espaço e cultura, é preciso acolher um procedimento semiótico - muito utilizado na aprendizagem da cartografia - que possibilita a visualização mais sensível no acolhimento das manifestações culturais, a partir de seus signos, símbolos e humanismos; sem os quais as espacialidades dos grupos sociais não se torna acessível. E nesta questão, como visto com o primeiro texto, a geografia escolar representa uma importante possibilidade para o desenvolver o olhar sobre as manifestações culturais e suas diversas relações espaciais.

Representação: Parâmetro Ético e Tecnológico

Com a temática de representação, buscamos entender a realidade geográfica como algo a ser absorvida pelo homem, que se depara com elementos significativos capazes de transformar o mundo em linguagem permanente. Tais elementos são selecionados, codificados e compreendidos por meio da força das representações. A partir do texto de Jean-Marc Besse (2011), enfatizando o pensamento de Eric Dardel (1899-1967), compreende-se importantes elementos para lidar com o papel das

representações geográficas. A começar pelo conceito de espaço vivido, compreendido como espaço substancial (a terra como morada), material, o mundo da existência. O espaço da vida incorpora e ascende um mundo de significados. O homem, assim, busca compreender este espaço (uma Terra de “mistérios”) por meio de uma filosofia existencialista da linguagem, seja na poética ou na prática dos comportamentos.

Isto implica dizer que esta realidade é acessível aos sentidos, ao sentimento, ao subjetivo, mas também ao pensamento objetivo, e que assim perpassa por uma relação entre sociedade e natureza. O espaço geográfico é, portanto, um corpo dotado de sentido e não apenas um objeto regido por um conjunto de leis naturais, sendo preciso compreendê-lo por suas relações com o homem e representações advindas destas relações.

Levando esta discussão para o imaginário da geografia escolar, temos com o texto de Daniel Stefenon (2009) a perspectiva de uma geografia das Representações Sociais, orientada pelos estudos do psicólogo romeno Serge Moscovici (1925-2014). Seu postulado encontra-se no jogo conceitual entre o simbólico e o concreto, capaz de enriquecer o cotidiano dos grupos sociais. Em seu entendimento, a escola é um espaço duplo, dividido entre ciência, universo reificado, e senso comum, universo consensual (STEFENON, 2009). E este espaço está sempre repleto de conflitos entre os dois lados e todas as outras dimensões que lhes associam. Assim, agir sob a luz da geografia das Representações apresenta-se como possibilidade para melhor apreender o espaço geográfico, com uma geograficidade pautada na relação do ser-no-mundo, através da experiência.

Patrimônio: Valoração da Economia e da Política

Dentre os aspectos abordados entorno do patrimônio estão os limites da política de certificação oficial de bens patrimoniais e o papel dos espaços públicos na valorização destes bens. Por meio do trabalho sobre bens culturais da religiosidade popular (SANTOS, 2017), identifica-se alguns dos principais desafios e problemáticas em torno desta política de certificação. Como um dos exemplos há a denominada cultura de exceção, pela qual patrimônios são reconhecidos primordialmente a partir de sua raridade.

Apesar das problemáticas presentes nesta política, entende-se que em certa medida é necessário sim haver uma política de gestão e salvaguarda destes bens. As

festas populares são exemplos de recursos culturais cuja densidade/interatividade se converte em patrimônio imaterial, pois representam parte da identidade cultural das comunidades (produtoras e consumidoras), reforçando o turismo e a diversidade cultural. (CAPONERO; LEITE, 2010).

Entretanto, neste cenário de “bens excepcionais”, o patrimônio, a educação e o desenvolvimento social encontram-se dissociados, e torna-se interessante identificar em que medida os diversos patrimônios (certificados ou não) são dotados de geograficidade: memória, projeção e sentido. Reduzir o distanciamento do patrimônio infere na inserção da temática no ambiente escolar, bem como no acesso presencial das novas gerações aos espaços patrimoniais.

No imaginário geográfico, é preciso ler a inter-relação entre os bens patrimoniais com o maior número possível de agentes envolvidos em diferentes esferas (público ou privada) e instâncias (local, regional, continental). O turismo educativo e a educação patrimonial surgem como possibilidades de superação de algumas destas problemáticas, como a sua compreensão não como dado teórico, mas pelo modo como se torna valorativo para o mundo.

Sustentabilidade: Projeção de Ambiente e Natureza

Com o último dos cinco temas, sustentabilidade, temos importantes considerações a partir do surgimento deste conceito e suas reformulações ao longo do tempo, bem como algumas relações entre os saberes populares, como visto no texto de Vargas (2013). Emerge, nesta discussão, todo o processo histórico envolvendo o conceito e suas relações com crises do modo de vida, resultando em acontecimentos a partir de movimentos sociais, a comunidade acadêmica e as instituições governamentais. Já com as considerações de Ribeiro (2010), é possível compreender melhor a influência da dimensão política e de gestão dentro deste tema em uma escala internacional. Há o destaque para o papel de grandes convenções e encontros emergentes no século XX, lançando algumas decisões e acordos mediados por diferentes interesses.

É dentro deste contexto também que emerge o desenvolvimento sustentável como aposta à inovação tecnológica e soluções ambientais de maneira mais homogênea (global) e o ecodesenvolvimento, com a sua conotação cultural e política, buscando na relação sociedade-natureza novas formas específicas (local) para a sustentabilidade.

Com esta disposição inicial dos temas que foram abordados, propõe-se a diversidade de aspectos a serem enfatizados no ensino de Geografia por meio das ferramentas audiovisuais. Revela-se também o estabelecimento vínculos e linhas de progressão entre os temas. Assim, o exercício de estudos sobre este temário geográfico produção de materiais audiovisuais não se encerra na individualidade de cada assunto, mas também encontra na integração dos temas como um aporte teórico para refletir sobre o mundo da geografia escolar e suas possibilidades (Figura 2).

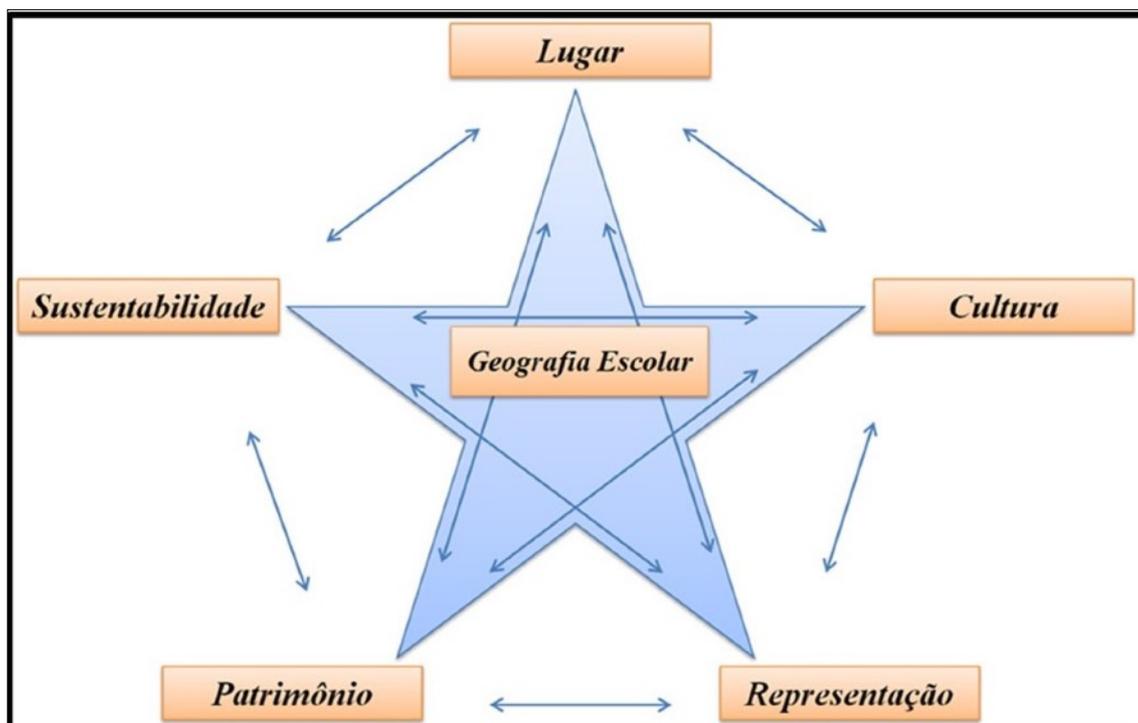


Figura 2 - Articulações entre diferentes temas geográficos em torno da geografia escolar.
Org.: Autores (2019).

O fazer instrumental: exercícios teóricos e de campo

Nesta segunda etapa preparatória, objetivamos a visualização de conceitos debatidos em sala considerando o exercício de Composições Geográficas em Quadratura e do posterior trabalho de campo destinado à região de Ibiapaba-CE. As composições surgem aqui como exercício de vinculação entre conhecimentos adquiridos nos momentos de discussão em torno dos seminários apresentados. Neste exercício, o aluno estabelece na parte superior (norte) de um plano (folha de papel) um aporte teórico, na síntese de aspectos mais relevantes de um tema geográfico escolhido; enquanto a parte

animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social" (DARDEL, 2011, p. 6).

Para fortalecer os laços entre os conceitos e a prática docente com audiovisuais, desenvolvemos algumas etapas importantes como entrevistas, coleta de informações em órgãos de gestão pública e escolas, e registros fotográficos de diversas paisagens e elementos geográficos nos municípios visitados.

As entrevistas foram realizadas em torno de roteiros semiestruturados com questões elaboradas pelas próprias equipes de alunos em cada semestre, com o auxílio do professor e de monitores no momento de elaboração. E foram direcionadas ao público local de diferentes faixas etárias, visando obter respostas de um público diverso acerca das temáticas propostas, bem como a própria construção de aulas simuladas após o trabalho de campo. Já a visita a escolas de ensino regular e secretarias municipais revelaram um panorama geral dos principais desafios vividos, das perspectivas estudantis e do contexto de desenvolvimento educacional, econômico e cultural para esta região.

Os locais visitados foram elencados a partir da sua representatividade regional em termos patrimoniais, culturais, de sustentabilidade e importância significativa enquanto lugar vivido. Assim, além das escolas e secretarias, visitamos praças públicas e de igrejas católicas, espaços de lazer e turismo, feiras públicas e áreas de plantio (Figura 4).



Figura 4 - Registros das Aulas em campo no Município de Ibiapina (2017)
Org.: Elaboração e Acervo dos autores (2018).

Após o retorno do trabalho de campo, munidos de informações e reflexões, houve uma etapa de preparação de aulas temáticas, em torno de uma temática geográfica e de um Projeto de Imagem/Som (PIS) que funcione como ferramenta de apoio para o ensino de Geografia. A construção do PIS e da aula se deu mediante o desafio de associar o contexto de Ibiapina com realidades de outros continentes em torno dos cinco temas estudados. Assim, foram postos binômios como “Lugar e América”, “Sustentabilidade e África”, “Cultura e Ásia”, etc.

Este momento de construção e apresentação funcionou como etapa de avaliação final deste percurso, reunindo aspectos diversificados da localidade. São exemplos de tais aspectos: a percepção local sobre lugares da América Latina, comparáveis a excepcionalidade da Serra (áreas dos Andes ou mais frias da Argentina e Chile); pratos típicos, roupas exóticas ou caravanas comerciais, na cultura asiática; ou as marcas da influência das etnias africanas nas cidades da região. Sendo a preparação das aulas algo que demandava contextualização permanente, as entrevistas serviram de fixadores para as ideias ilustrativas da interação didática. A própria integração entre a temática abordada, o material audiovisual e sua funcionalidade, na relação entre a região de Ibiapaba emergiu como uma aproximação operacional, tornando o campo algo indispensável às simulações que serão tratadas a seguir.

Dos resultado da simulação às representações geográficas

*Essa mobilidade dos métodos sadios deve ser inscrita na própria base de toda psicologia do espírito científico, pois o espírito científico é estritamente contemporâneo do método explicitado. Não se deve confiar nada nos hábitos quando se observa. O método está intimamente ligado à sua aplicação...
...A verdadeira psicologia do espírito científico estaria assim bem perto de uma psicologia normativa, uma psicologia em ruptura com o conhecimento usual. (BACHELARD [1934], 1988, 70)*

Após as etapas preparatórias e a apresentação de aulas simuladas, foi possível elencar aspectos importantes deste intenso processo. Primeiramente, a relevância no trato teórico sobre as temáticas selecionadas, que formam um bloco coeso e elementar para o contínuo processo de construção do imaginário geográfico. O trabalho de associação entre conceitos geográficos revela esta conexão. Ao longo das aulas simuladas, notou-se que a associação entre Ibiapina-Serra da Ibiapaba (contexto local/Regional) com outros continentes (contexto global) proporcionou uma complementaridade interativa decisiva na compreensão de ambas as realidades. Esta experiência reforça a importância de se relacionar, no processo de ensino, a realidade vivida pelos estudantes com outros

contextos, se valendo de um olhar crítico e imaginativo de modo a visualizar semelhanças e contrastes significativos, evidentes a partir do pensamento geográfico.

Outro aspecto de relevância foi o resultado positivo da proposta de aproximação entre elementos conceituais e elementos audiovisuais. A partir dos sucessivos exercícios de CGQs - após discussões em torno dos temas - percebemos que o imaginário dos educadores em formação passou a se familiarizar com a projeção de elementos visuais e poéticos em um diálogo com conceitos da ciência geográfica. A partir de correções das CGQs elaboradas e com a monitoria na construção de vídeos, foi evidente o aprimoramento dos alunos no exercício técnico, crítico e criativo de traduzir a linguagem científica para uma linguagem artística e didática, capaz de otimizar o processo de ensino e aprendizagem.

Um terceiro destaque a ser feito é sobre o trabalho de campo, que também se mostra como um exercício fundamental na construção do imaginário dos futuros professores, tanto no sentido de identificar diversos conceitos vistos anteriormente, como no sentido de traçar possibilidades de atuação em sala de aula com uma abordagem geográfica em torno do contexto vivido pelos estudantes de Ibiapaba, neste exemplo. Diversas associações e questionamentos levantados ao longo do trabalho de campo revelam a eficácia das visitas para exercitar os conhecimentos geográficos.

Diante dos trabalhos de campo, a autonomia dos alunos da disciplina no exercício de entrevistas foi fundamental na elaboração do imaginário geográfico, visto que os alunos tiveram a possibilidade de indagar moradores locais acerca de questões particularmente mais relevantes para cada grupo. As entrevistas representaram posteriormente um material importante para a formulação das aulas temáticas pelo reconhecimento das particularidades do contexto local.

Quanto às aulas temáticas, por meio das simulações didáticas e a aplicação dos audiovisuais, percebemos que o desafio de associar um contexto específico com outras realidades continentais não representa um empecilho, mas um contributo para o aprendizado técnico e criativo, por relacionar diferentes contextos e escalas que reverberam diferentes leituras no imaginário geográfico. Esta diversidade que enriquece a composição dos materiais audiovisuais torna mais dinâmica e articulada a mediação docente.

Considerando as todas as etapas que antecederam as aulas temáticas, foi possível constatar o êxito de modo geral, no uso dos vídeos (denominados por *Projeto Imagem e Som*) para balizar os conteúdos explorados e os conceitos em discussão durante as simulações didáticas. De modo que os vídeos elaborados não se tornaram mais

importantes do que a mediação docente; mas também não significaram meros recursos periféricos, ou como mera ilustrativa das aulas. Para isso, a curta duração como requisito para o uso dos vídeos foi fundamental, afastando assim a lógica pouco pedagógica de aulas resumidas à reprodução de filmes com longa duração.

Compreendemos que o teor criativo e a elaboração técnica dos vídeos, bem como a mediação pedagógica dos recursos ao longo das aulas simuladas, limitaram-se às habilidades prévias e desenvolvidas ao longo de um semestre letivo. Assim, Oficina Geográfica II representa um passo inicial ao trabalho de produção e utilização de audiovisuais didáticos e da construção continuada de um imaginário geográfico no protagonismo docente. Por isso, se faz necessário fortalecer constantemente o arsenal de representações geográficas em torno de temas estruturais mais densos, pois a velocidade crescente das mídias, tecnologias e produção científica exige pautas pedagógicas menos vulneráveis ao descompasso social, que nomeamos como crise da educação (muitas vezes sem saber sua racionalidade).

Considerações finais

O processo de retificação científica de uma unidade curricular, assim como um campo científico, pode estar limitado ao encontro da estabilidade na relação docente/ conteúdos/ discente. O caso das atualizações curriculares de Oficina Geográfica II nos demonstra, contudo, que a formação inicial de futuros docentes, na perspectiva do educador em geografia é a recusa dessa estabilidade justamente pela abertura infinita do processo audiovisual das conceituações. Ainda que tenhamos fixado formas de compreensão acadêmica para os mais estruturantes conceitos da Ciência Geográfica, jamais eles deixam de depender de categorias e noções cotidianas que emergem da pulsão coletiva da Geografia Escolar. Nela se pode constituir uma pedagogia padrão, com referências educacionais acumuladas por 2500 anos de investigação, no Mundo Ocidental, do que vem a ser os melhores métodos de ensino aprendizagem da imaginação geográfica. Entretanto, sem ruptura propositiva, conforme a epígrafe do filósofo da ciência pós-moderna, não haverá adaptação. E sem adaptação, a ciência cria um mundo paralelo, sem qualquer conectividade com a Sociedade que lhe demanda. Ou seja... a educação insustentável.

Por isso, construção contínua de um imaginário geográfico como preparação para a prática docente deve perpassar etapas fundamentais de apreensão e atualização

de conceitos geográficos. Deve forjar de um conjunto de experiências, práticas e reflexivas, críticas e criativas, em torno de contextos “aproximativos” para uma abordagem em sala de aula. Materiais audiovisuais, assim produzidos permitem *audiovisualizar* a geografia que, metodicamente, podemos chamar de Geografia Escolar. Entende-se que o professor em constante formação não deve construir seu conhecimento alheio a sua realidade ou a de outros contextos, mas nutrir constantemente um arcabouço em torno dos temas abordados de maneira integrada e relacionando diferentes escalas espaciais.

Tal persistência também deve estar presente na busca de novas modelagens para CGQs e produção de audiovisuais, melhorando e diversificando as possibilidades do *aprender a ensinar* Geografia por meio das atividades de Oficina Geográfica II. O aperfeiçoamento e a compreensão de práticas de composição em quadraturas, trabalhos de campo, elaboração de materiais audiovisuais e simulações didáticas, contribui para qualificação profissional para os participantes (professor, monitor e estudantes) de disciplinas desta natureza, que se (re)constrói a partir de demandas, avaliações, e sobretudo sucessivos experimentos com turmas diferentes.

Por fim, o trabalho técnico, crítico e criativo de construção e utilização de recursos audiovisuais representa um importante caminho de preparação e aprimoramento profissional, além de representar também um exercício de produção didática. A produção dos próprios recursos didáticos, apesar de requerer uma dedicação extra do profissional docente, expande as possibilidades de se trabalhar, também de forma crítica e criativa, temas e conceitos geográficos relevantes e dinâmicos desta contemporaneidade.

Ainda que para muito pareça um contrassenso ignorar os avanços do último experimento, com temas-textos, esquemas, figuras e música, para compor outra combinação – similar àqueles viajantes que curtem muito os lugares por onde passam e insistem em voltar – a combinação para a disciplina, no ano de 2018, já se alterou significativamente. Esse é o preço da adesão a uma perspectiva fluida, nômade, exploratória do renovado espírito científico. Mas entendemos... trata-se de um preço justo.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Josivane José de; SILVA, Josélia Saraiva e. Recursos didáticos não convencionais e seu papel na organização do ensino de geografia escolar. In: **Geosaberes**. Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 1 -

14, abr. 2018. ISSN 2178-0463. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/645>>. Acesso em: 11 maio 2019.

BATISTA E SILVA, Alexsander. **A Geografia do Espaço Escolar**. Jovem adulto, práticas espaciais e aprendizagem geográfica. 2016. 233f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás - Instituto de Estudos Sociambientais (IESA), Goiania, 2016.

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico; a poética do espaço**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Antropos, 1991

BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 111-139.

CAPONERO, Maria Cristina; LEITE, Edson. Inter-relações Entre Festas populares. Políticas Públicas, Patrimônio Material e Turismo. In: **Patrimônio Lazer & Turismo**. V. 7, n 10, 2010 p. 99-113. Disponível em: goo.gl/T79sgg. Acesso em 19 de ago. de 2018.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Lisboa. Ed. Arcádia, 1979. Disponível em: <goo.gl/gmB6i2>. Acesso em 01 set. 2018.

FERRARA, Lucrécia D'Alesio. **Comunicação, Espaço e Cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.

LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 17, set. 2012. Disponível em: <goo.gl/9Lkbpq>. Acesso em: 02 set. 2018.

OLIVEIRA, Lívia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-16.

RELPH, Edward. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOLA, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

RIBEIRO, Wagner Costa. Geografia política e gestão internacional dos recursos naturais. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, p.69-80, mar. 2010.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **A mística do tempo: narrativas sobre os mortos na Região do Cariri/CE**. 2017. 317f. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2017

SOARES, Maria Lúcia de Amorim. Reinventando o Ensino da Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib.; OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino. **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 331-341.

SILVA, Juremir Machado. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Edições Sulinas, 2006.

STEFENON, Daniel. Geografia e Imaginário: Aproximações entre a Teoria das Representações Sociais e a Escola. In: **Anais do III Colóquio NEER**, 2009. Disponível em goo.gl/U5XUrw Acesso em: 19 de ago. 2018

VARGAS, Maria Augusta Mundim. Sustentabilidade e Natureza: diálogos com a geografia (apontamentos). In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Org.). **Maneiras de ler Geografia e Cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013. p. 150-158. Disponível em: goo.gl/XxtPCp. Acesso em: 19 de ago. 2018.

WRIGHT, John. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia. In: **Geograficidade**. Vol. 4, Nº. 2, Inverno, 2014. p. 4-18. Disponível em: goo.gl/cavuDg. Acesso em: 23 de jul. de 2018.

Recebido em 24 de janeiro de 2019.

Aceito para publicação em 30 de junho de 2019.